



## “EU ATLETA” COMO DISPOSITIVO DE GOVERNAMENTALIDADE E DE ESCRITA DE SI

Maria Simone Vione Schwengber

### RESUMO

*O Homo sportivus – o atleta/praticante desportivo – é uma expressão identitária que se fortaleceu no século XXI, em que as ‘políticas de vitalidade’ passaram a apostar na otimização da ‘vida em si’. No Brasil, ampliaram-se as possibilidades de experiência dos corpos esportivos. Dos projetos de mídias digitais oferecidos na cultura brasileira, escolheu-se analisar o site ‘Eu atleta’ (2012). Discute-se como essa comunidade transforma os modos de ser esportista. Das análises que resultaram, encontra-se na expressão que dá nome ao site um enunciador que permite que ele/a – ilusoriamente – diga ‘Eu sou’.*

*Palavras-chave: Experiência midiática; Experiência esportiva; Governamentalidade*

### SITUANDO A DISCUSSÃO: EXPERIÊNCIA MIDIÁTICA E EXPERIÊNCIA ESPORTIVA

A imagem de um corpo ativo, rápido, veloz, malhado, robusto, definido, forte, sem gorduras, celulites e manchas desempenha um papel crucial na cultural visual contemporânea. A imagem do corpo esportivo, na contemporaneidade, adquiriu uma positividade nunca antes alcançada, o que Pires (2002) denomina existência de semicultura esportiva. O corpo esportivo converte-se no “corpo referência”, exercendo uma atração sobre o imaginário social. Para se chegar a esse resultado, a cada dia se ampliam as estratégias na direção do *governo* dos corpos, sejam eles jovens, adultos ou idosos.

Nikolas Rose (2007, p. 40) afirma que a “a vida corporal adentrou nos domínios da decisão e da escolha.” O autor comenta que o novo arranjo das dimensões do saber-poder está fortemente concentrado nas questões de otimização da vida. Ele destaca a presença de uma capitalização dos corpos – ou ainda de uma produção de uma economia ligada à vitalidade dos corpos – e vai além, referindo-se aos modos pelos quais a própria vitalidade tem se tornado uma fonte potencial de valor. A partir dessa proposição, Rose (2007) usa a expressão “biovalor”.

A importância dada à vitalidade dos corpos (força vital, vigor, capacidade de ação) nesses novos tempos contrapõe-se ao ofuscamento a que estavam submetidos no passado. Observa-se uma inversão de valores na passagem das ideias de acumulação e poupança para a

passagem de produção e otimização de energia vital<sup>1</sup> dos corpos. Os novos valores identificam-se com um corpo que se transforma em objeto de cuidados e de desassossegos. Rose (2007) destaca as progressivas transformações da existência no século XXI, da presença das “políticas vitais” que acentuam a expressão da “vida em si”; políticas que estão “preocupadas [...] em controlar, arquitetar, reformar e modular a capacidade vital dos seres humanos como criaturas viventes. Por isso, o autor utiliza também a expressão uma “política da vida em si” (ibidem, p. 43.). Desse modo, penso que a estética esportiva ganha um lugar de destaque na economia da vitalidade e ainda positiva a expressão de “vida em si”.

A estética enquanto categoria antropofilosófica relaciona-se à plasticidade das formas e dos movimentos corporais. A estética como modo de pensar as relações com o mundo é pautada na *estesia*, uma vez que esta “diz mais de nossa sensibilidade, de apreender os sinais experienciados e vividos dos corpos” (DUARTE, 2004, p. 32). As morfologias das formas corporais estruturam a experiência estética desencadeada pelas vivências nos e dos esportes. O trabalho das formas dos corpos é quase exclusivamente associado como função dos esportes. Os esportes colam-se às imagens/aparências dos trabalhos dos corpos.

Como diz Soares (2008, p. 80):

Se [...] por muito tempo o esporte foi mantido em uma inferioridade social, na atualidade ele rompeu com tudo isso e, lentamente, ajudou a inventar uma outra sensibilidade. Forma física e aparência corporal imperam no âmbito do privado quanto do público, e os esportes [as imagens esportivas] é que fornecem o modelo para ampliar as eficácias, aumentar as performances, alimentando a ilusão da autonomia.

Desse modo, pode-se dizer que a construção da memória imagética esportiva foi intensamente potencializada a partir do último século, no qual as imagens esportivas se tornam “reservatório de significações performáticas” e afirmam-se como um sistema de referências convincentes (SOARES, 2008) que passam a despertar atração aos espectadores no mundo todo. Assim, experiência estética esportiva hoje passa também pela experiência midiática. Pode-se dizer que a era da imagem trouxe uma expansão do esporte para as diversas classes sociais, gerações, idades, gênero.

Trata-se de uma intensificação do olhar (do visual). Com o surgimento das mídias visuais, há uma sofisticação dos dispositivos do olhar, produzindo uma experiência (estrutura) midiática no tecido da vida social contemporânea. Fischer (2006) diz que há uma colonização do olho humano pelos *mass media* através de televisão, cinema, revistas, jornais, fotografia,

---

<sup>1</sup> A saúde deixa de ser dada; passa ser cultivável, adquirida, conquistada, portanto pode ser sistematicamente aumentada.

internet, que renderam à imagem, no século XXI, o mais honroso espaço (recurso) de comunicação social. Desse modo, o atual século tem sido marcado pela digitalização de nossas vidas.

Vivemos um processo de valorização e intensificação das imagens – no caso, esportivas – na diversidade de suportes, nas formas, nas funções. Como diz Eco (1999), a civilização contemporânea vive a imagem; trata-se de uma espécie de corrida da visibilidade, na medida em que as referências para o ser humano são deslocadas e potencializadas pela pulsão da visibilidade midiática. As imagens são linguagem, formas de expressão, “podem ser conteúdo para conhecer e pensar a vida. Ajuda a levar à vida do outro. É uma linguagem que possibilita que a vida e as ações do outro cheguem até nós (SCHWENGBER, 2012).

As imagens nos educam social, moral e afetivamente (ibidem). As imagens possuem também dimensões discursivas, estéticas, políticas e emotivas. Pode-se dizer que se trata de uma educação visual cuja configuração estética é uma configuração política. As imagens “congelam”, por meio da representação da forma estética, configurando assim uma forma política. Maffesoli (2006) refere-se a uma “tendência estetizante da vida cotidiana” e/ou uma estética da existência e que denomina que vivemos uma “ética da estética”.

Hans Ulrich Gumbrecht, no livro ‘Elogio da beleza atlética’ (2007), destaca sete elementos que organizariam e/ou justificariam as experiências estéticas esportivas produzidas pela experiência midiática. Para ele, geralmente essas experiências destacam em primeiro lugar os corpos, os quais se colocam em meras trans-formações, produção de formas corporais que afastam o corpo dos tipos masculino e feminino tradicionais. Em segundo lugar, o mote é o confronto, o combate, a disputa corporal. O terceiro é a graça, o corpo solto, envolvido, entregue ao movimento. O quarto são os instrumentos (objetos) – trata-se de produzir um relacionamento simbiótico entre o ser humano e seus instrumentos. O quinto é o fascínio das formas, a produção de formas plasticamente belas, momentos efêmeros. O sexto agrega as jogadas, a imprevisibilidade, as conjunções surpreendentes, frutos de uma série de simultaneidades, uma convergência de movimentos individuais e coletivos. Por fim, o sétimo é o tempo de ocupação do espaço e do tempo, colocando-se “o corpo num espaço específico no momento exato em que ele precisa estar lá” (ibidem, p. 140).

Gumbrecht (ibidem) admite que há, na cultura acadêmica antiga, uma forte tendência de colocar o esporte como alvo de crítica, não de elogio. Com isso, nos estimula como profissionais da área a colocar-nos dentro e a compreender. Para o autor, o apelo estético é, justamente, a condição da popularidade dos esportes. Nesse sentido destacamos as imagens

esportivas. O esporte, como prática de enaltecimento corporal, como alvo de uma experiência midiática, informa, produz e nutre o imaginário coletivo, potencializando referências de ser atleta, de ter sucesso, com seu patrimônio corporal, o corpo, suas capacidades e habilidades, subsidiando a sua presença no mundo.

O esporte (e as imagens esportivas) é como tecnologia do corpo, como forma historicamente datada e socialmente contextualizada de lidar com a corporalidade. Nesse sentido, o esporte celebra a festa dos corpos, implica a “sua produção, exaltação, corresponde a desejos e pulsões de experimentar, de testar, de sentir e viver intensa e destemidamente o corpo” (BENTO, 1998, p. 67). O esporte celebra as corporalidades em criar beleza, harmonia, perfeição, arte. Exalta-se a plasticidade e a liberdade dos corpos e a superação dos limites.

Bento (ibidem) inclusive defende a emergência de *homo sportivus*. Nisso está implícita a dimensão estética, que apela a que o/a esportista seja construtor/a de si próprio/a, pelo esforço e trabalho em si mesmo/a de se ultrapassar e sobrelevar aos outros. O *Homo sportivus* – atleta ou praticante desportivo – é uma expressão das transformações históricas e pedagógicas que se estabeleceu das relações entre natureza (ibidem), cultura e técnica, que configura o humano nos ideais de perfectibilidade, na capacidade de aperfeiçoamento dos corpos ao longo da vida. O *Homo sportivus* é, então, como o *Homo technicus* (Kant), conferindo um lugar ao *Homo performador*, o que se arranca do nada e se constrói como super-homem (Nietzsche). O *Homo sportivus* é o acento tônico no trabalho corporal; o corpo torna-se objeto de culto, de trabalho, a promessa de uma economia da esperança de uma vida longa e bela.

O estilo de vida contemporâneo é marcado pela esportividade e desencadeia uma onda de esportivização. As imagens esportivas – de forma muito particular nestas primeiras décadas do século XXI – têm sido um dos principais meios de referência para demonstrar a capacidade vital dos corpos. O esporte concorre para a economia dos corpos, ocupa na cultura um lugar de produção de vitalidade (dos corpos físicos) e de manutenção da vida em si, ao mesmo tempo em que se oferece como um recurso que auxilia no ideário de ajustamento dos cidadãos aptos à padronização da vida autocontrolada. “Esporte dado aos movimentos, gestos atitudes, rapidez, poder infinitesimal sobre um corpo ativo” (ROSE, 2007, p. 37). Essas são algumas das estratégias que se impõem aos processos de ação esportiva.

É dessa maneira que penso esporte como um biovalor (ibidem). Integrante da governamentalidade contemporânea, o esporte passa a ser prescrito como uma forma de produção e manutenção da vida ativa e saudável. À medida que aumenta a circulação dos

discursos sobre saúde pública, tem também aumentado a ênfase da responsabilidade dos indivíduos na gestão e no governmentamento de seus próprios corpos. Rose (ibidem) vê a emergência de uma economia da esperança pelo esporte que promete segurança com um prudente olho no futuro, de modo que os sujeitos são constantemente incentivados a tornarem-se ativos e responsáveis pelo seu governmentamento.

Rose (2007) afirma que se trata, portanto, da privatização do cuidado que passa a ocorrer numa ampla gama de cenários e situações em que o indivíduo deve conduzir a própria vida de modo a evitar os perigos e gerir a incerteza. Basta observarmos os inúmeros programas esportivos, as academias, as clínicas estéticas, os programas de controle alimentar, os *blogs* e *sites* que proliferam em nosso cotidiano.

No Brasil, pode-se dizer que se ampliam cada vez mais os espaços virtuais e as alternativas de possibilidades de vivência/experiência dos corpos esportivos. Dos muitos programas e projetos oferecidos na cultura brasileira, escolhi analisar o projeto ‘Eu atleta’, por este apresentar várias estratégias de governmentamento para enfrentar a questão da produção da vida ativa (e esportiva). Para iniciar a discussão, parto da seguinte questão: Como os sujeitos são governados no contexto da comunidade ‘Eu atleta’? Para compreender tal questão, analiso de que forma a dimensão ‘atleta’ esportivo participa da produção identitária contemporânea.

## O PROJETO ‘EU ATLETA’

Como material empírico para a investigação, selecionei o projeto ‘Eu atleta’, de iniciativa da Rede Globo, no ano 2012. A trajetória metodológica é balizada a partir das ideias de análise de discurso de Michel Foucault. Do ponto de vista da metodologia adotada, realizei as análises valendo-me das contribuições do autor no que tange ao conceito de discurso e enunciado. Ele sugere que o/a pesquisador/a tome os discursos em sua materialidade e tensione suas condições de produção e as posições de sujeito neles descritas.

Instrumentalizada por esse ‘modo de ver’, optei por mapear os enunciados nos discursos do programa Eu Atleta, observando suas ‘regularidades’, ‘insistências’ e ‘repetições’. Segundo Foucault, um enunciado comporta duas dimensões: uma dizível e outra visível. Assim, analisamos aqui as interfaces, não como peças ilustrativas, mas como prática discursiva. Diante do conjunto de operações analíticas, colocamos na posição de pensar o material investigado em aproximações com o conceito de governamentalidade.

Tomo o projeto ‘Eu atleta’ como um dos suportes educacionais contemporâneos que emergem nesses tempos de “tecnologização dos discursos” (FAIRCLOUGH, 2001), tentando compreender como se processa o governo das práticas de condução das condutas esportivas que visam a trazer ‘quase’ todos para dentro do mercado esportivo. Na atualidade, as trocas culturais de informações biotecnológicas ocorrem vertiginosamente, portanto *sites* de orientação para gerir atividades físicas começam a ser cada vez mais expostos na *internet* e ficam disponíveis para o acesso dos sujeitos em comunidades<sup>2</sup>. O cotidiano contemporâneo é marcado pela reflexividade, e a *internet* assume-se gradualmente como um terreno de negociações, dada a possibilidade de governo dos corpos.

Criada em 2012, a comunidade ‘Eu atleta’ está inserida na categoria ‘bem-estar, vida saudável e esportiva’. Dedicar-se a todos os sujeitos ativos que fazem atividade física e aqueles que estão pensando em começar. Esse *site* possui amplo alcance nacional, com inserções diárias de divulgação nos programas ‘Globo Esporte’ (estaduais) e ‘Esporte Espetacular’, da Rede Globo de Televisão. Entendo assim a comunidade ‘Eu atleta’ como uma das estratégias da estética da vida esportiva contemporânea; uma racionalidade que incita a participação de todos no jogo do mercado dos corpos (esportivos), para que produzam e consumam a vida ativa.

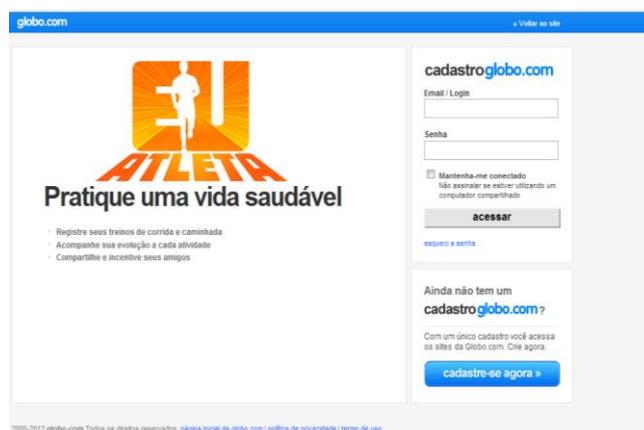
## ESTRATÉGIAS DE GOVERNAMENTO

A Figura 1 indica a interface inicial do site da comunidade.

Figura 1 – Interface inicial do site ‘Eu atleta’

---

<sup>2</sup> Para Rose (2007, p. 3), alguns pacientes, nos dias de hoje na ‘política da vida em si’, chegam aos consultórios/ambulatórios para expor os seus sintomas. Sua relação com o médico e/ou outro profissional da saúde já não se assemelha mais às formalidades e à passividade da realidade de outrora, o (im)paciente discute sobre as possibilidades de cura, pois ele se empenha em buscar respostas sobre a manutenção da sua saúde, consumindo, de forma ativa, as tecnologias que julgar necessárias para o seu bem-estar.



Fonte: <<http://globoesporte.globo.com/eu-atleta>>.

O referido *site* se constitui como um dispositivo pedagógico de possibilidades digitais contemporâneas das vivências esportivas. Tomo esta comunidade virtual como um dispositivo constituído por imagens, textos, sons, recursos de edições (a novidade em tempos da vida editada), que o faz pedagógico e produtor de sentidos, manifesto em uma rede de relações de saber, de força e de processos identitários (FOUCAULT, 2004). A mediação pedagógica da comunidade possibilita o registro (edição das atividades) e a mediação pedagógica da experiência de si, na quais os sujeitos “se observa, se decifra, se interpreta, se julga, se narra (FOUCAULT, 2004). Na comunidade há um ciclo: exponho minhas atividades, acompanho e, assim, sou incentivado a produzir, expor, aumentar cada vez mais os rendimentos.

Observa-se que nessa página inicial, de modo central a abertura feita pela vinheta, no centro do zoom ótico há um sujeito em movimento, o qual parece dizer que, ao inserir-se na comunidade já está no caminho de certa garantia de um projeto de “vida saudável”, como reforça o enunciado. Essa comunidade, como se vê, reforça o imaginário social, “associa diretamente a saúde como sinônimo das práticas esportivas, ou de uma estética esportiva” (ORTEGA, 2008, p. 41). A saúde é entendida como um desejo virtual a ser consumido (ibidem). A ideia, intencionalmente suscitada por essa comunidade inicialmente, é de que é possível obter vida e saúde através do acesso às atividades esportivas. Ainda se ratifica a noção simbólica de ‘saúde conquistada’, quer seja pelo envolvimento em práticas esportivas, quer seja pela utilização de plataformas e ferramentas a elas agregadas (BAGRICHEVSKY; ESTEVÃO; PALMA, 2007).

No primeiro convite, os sujeitos são convocados se cadastrar no *site*, criar um usuário e uma senha de acesso, e preencher uma ficha com dados pessoais, para receber o conteúdo personalizado dessa plataforma. Inseridos esses dados, preenche-se uma ficha com os dados

da condição corporal, que dizem respeito aos aspectos físicos, altura, peso, idade, e após se recebe uma primeira avaliação antropométrica (o Índice de Massa Corporal). Desse modo, o ambiente digital pode ser entendido como um confessionário público dos dados individuais. Inseridos esses dados, logo se recebe uma primeira avaliação desempenho corporal, de alerta e/ou de parabéns, como códigos morais de desempenho.

Os dados corporais (físicos) estão em constantes avaliações pelo olhar do outro (*expertise* da comunidade), uma estratégia para que o sujeito se sinta e reconheça no que ‘é’ e/ou como ‘está’. Analisando essa ferramenta do *site*, pareceu-me possível fazer uma aproximação ao que Foucault chama de “escrita de si”, ou ainda um registro de si, uma vez que, juntamente com outras tecnologias, atua na produção de si, do corpo. A escrita de si (o registro), é uma confissão, é uma tecnologia de si que, ao conduzir a individualização e a introspecção, opera produzindo verdades sobre o sujeito que registra. O que me chama a atenção é que essa comunidade inova pelo uso do registro escrito. A escrita (o registro) torna-se uma prática importante nesse *site*, e serve como exercício racional no cuidado de si. Há nessa relação uma narrativa que se desenvolve sobre o corpo, sobretudo o rendimento marcado por uma “ética e estética produzindo nesses tempos de ‘cultura de si’” (FOUCAULT, 1996, p. 65). O corpo, então, atua como um vetor semântico o qual sofre efeitos por se inserir de forma ativa no interior das relações dessa comunidade.

O *site* ‘Eu atleta’ possibilita, assim, criar uma página pessoal e acompanhar o desempenho corporal/esportivo individual diariamente, ao mesmo tempo em que permite compartilhar suas atividades corporais com os amigos e ver os rendimentos esportivos. Para Bauman (2003), algumas palavras carregam, além do significado, sensações. A palavra comunidade é uma dessas, que relacionamos a uma coisa boa, acolhimento: “é bom ter uma comunidade, estar numa comunidade” (ibidem, p. 7).

Esse *site* ‘Eu Atleta’ possibilita pôr a vida – a vida corporal/esportiva – em discurso, conforme sustenta Foucault (2004). Desse modo, essa comunidade captura e aborda o “rastro do sujeito”, permitindo que ele – ilusoriamente (KHEL, 2001) – diga “Eu sou atleta”. Ao compartilhar com o outro a plataforma, aciona “o imperativo de tudo dizer ao Outro, a algum Outro capaz de colocar ordem na fragmentação e nas dispersões das identificações que compõem o frágil revestimento imaginário do ‘eu’ na modernidade” (ibidem, p. 516).

O sujeito na plataforma aqui estudada não é um objeto, mas “um sujeito ativo”, um indivíduo ativo que é convidado “a tomar a si como um capital, a entreter-se consigo com suas (performances) e com as dos Outros, uma relação na qual ele se narra, ele se reconhece

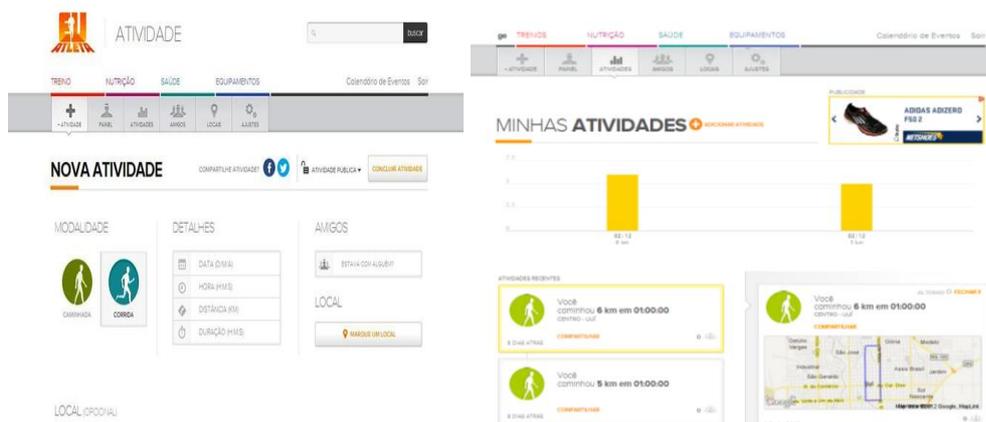
com os Outros” (GADELHA, 2009, p. 149). E, assim, as práticas discursivas como as da comunidade ‘Eu atleta’, com suas produções de verdades, têm efeitos sobre as formas identitárias que produzem os sujeitos atletas e ativos. As ideias da vontade pessoal e individual – eu posso, eu sou, eu consigo – garantem um corpo da vontade, da perseverança, do otimismo.

Foucault (2004) chamou isso de “cuidado de si”. Esse cuidado de si se define por uma ética e por uma forma de relacionamento consigo mesmo e com os outros, os modos pelos quais o indivíduo deve se constituir como sujeito de suas ações. Então, são as práticas discursivas, os discursos e os procedimentos apresentados aos sujeitos para produzir suas identidades – neste caso, o ‘Eu atleta’ – mantê-las ou transformá-las para atender a determinado objetivos sociais. O ‘eu’ é constituído no interior de práticas discursivas. Para Rose (2007, p. 143), a identidade “é, assim, o nome que se pode dar aos efeitos da composição e recomposição de forças, práticas e relações que tentam operar para transformar o ser humano em várias formas” identitárias de ser sujeito. Nesse processo, uma das técnicas de produção identitária é a classificação (sou atleta) e os efeitos e laços que a ligam e a classificam com outro.

A relação dos sujeitos com as práticas discursivas confere a eles/as a possibilidade de uma ‘identidade’, possibilidade de se dizer inserido/a em uma comunidade. Para Foucault (2004), a identidade não pode ser entendida como única, fixa e estável, mas como verdades constantemente construídas e postuladas para certos momentos, em dados lugares, sempre em movimento. A identidade está, pois, circularmente ligada à comunidade e a grupos. Bezerra (2002) ajuda a ver que se nas sociedades tradicionais as identidades e as posições sociais eram herdadas através dos laços ao nascer, nas sociedades contemporâneas as identidades implicam construções externas à dimensão individual; é a vida social externa que direciona a construção das identidades.

A interação é uma importante ferramenta da comunidade ‘Eu atleta’. Observa-se que o registro das atividades esportistas agora tem a seu favor uma ferramenta tecnológica para acompanhar desempenhos. Se antes cada sujeito e/ou atleta administrava isoladamente as atividades, agora a vivência é ancorada pelas sofisticações tecnológicas para dar visibilidade a si e ao outro, como se observa na interface a seguir.

Figura 2 – Telas de atividades da comunidade ‘Eu atleta’



Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/eu-atleta>>.

Nessa plataforma, a ferramenta de treinos é a ferramenta que possibilita registros das atividades. Nesse momento, a comunidade permite registrar atividades de corrida ou caminhada. Já circulam notícias no próprio *site* de que se espera ampliar em breve para o registro de outras atividades. A plataforma possibilita que se registrem dados, como data, hora, distância percorrida, duração da prática esportiva, e ainda onde estava e com quem estava.

Entendo que essa ferramenta de registro das atividades está envolvida com a produção de sujeitos autônomos, autorregulados, vinculada com a forma de viver na contemporaneidade. Nesse contexto, ressalta Nicolas Rose (2007), funciona uma racionalidade administrativa (neo)liberal, na qual o governo da conduta do eu e do outro vem sendo processada e administrada. Constitui-se no desdobrar no interior do projeto ‘Eu atleta’, como uma tecnologia que opera no autogoverno e no governo do outro, tendo nas atividades (corrida e caminhada) a principal dobradiça em que se processa a condução das condutas no amplo contexto social.

Foucault (2008) nos remete para compreender os diferentes sentidos semânticos da expressão ‘governar’, sentidos esses voltados a variadas ações e/ou atos de governar, nos quais os sujeitos se envolvem. Na perspectiva foucaultiana<sup>3</sup>, governo tem um significado mais abrangente do que a noção convencional, que identifica como ação executiva e legislativa do

<sup>3</sup> Para Foucault (2008, p. 164), “nunca se governa um Estado, nunca se governa um território, nunca se governa uma estrutura política. Quem é governado são sempre as pessoas, são os homens e mulheres, são indivíduos e coletividades”. E assim, ensina o autor, por mais circulem expressões que remetam ao governo da cidade, da produção, essa menção se relaciona a partir e governo dos homens e das mulheres que habitam.

Estado. Para o autor (ibidem), governo refere-se também àquelas formas de agir que afetam a maneira como os indivíduos conduzem a si mesmos e aos outros.

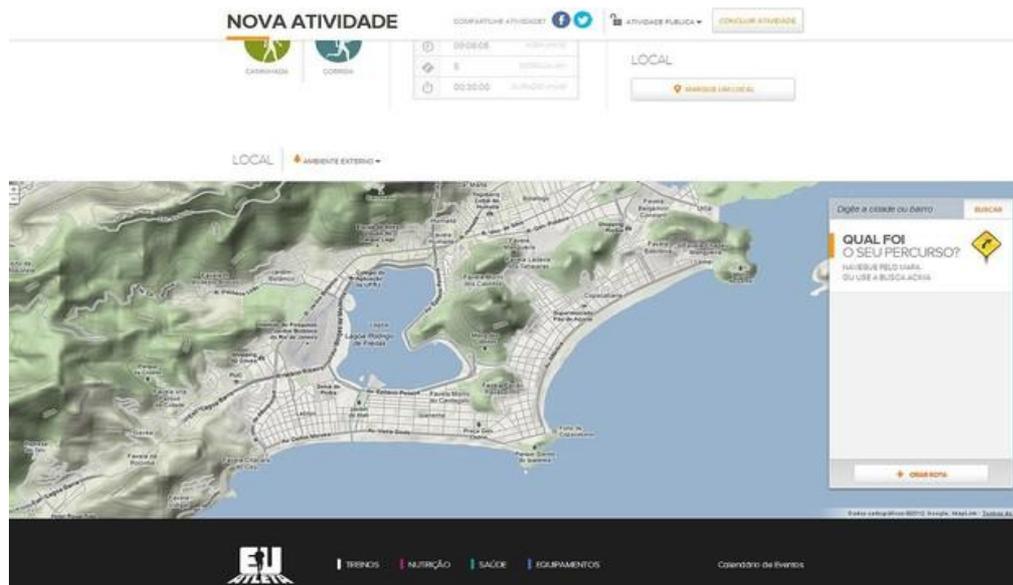
Assim, entendo por governo as práticas de condução das condutas como “ações distribuídas microscopicamente” (VEIGA-NETO, 2002, p. 21). Dito de outra forma, a noção de governo pode ser entendida como “um modo de ação age sobre a própria ação” (ibidem, p.25). Governo caracteriza-se pelas relações de saber-poder que se exercem e são exercidas para administrar as condutas. Veiga-Neto (ibidem) ajuda a esclarecer que o governo é um modo de gerir os Estados (funcionamento político) e as pessoas. O governo,

[...] enquanto uma condução, pode resultar também de uma ação em que cada um se conduz a si mesmo, de uma ação de alguém sobre si mesmo, sobre aquilo que pensa e aquilo que faz [...] quando se dá de alguém sobre si mesmo, ele diz que trata-se de técnicas de si, ou tecnologias do eu. (ibidem, p. 27).

Analisando a comunidade ‘Eu atleta’, é possível enfatizar o caráter produtivo em que a lógica de governo neoliberal é destacada, praticada e colocada em circulação. Ao meu ver, trata-se de governamentalização, “uma marcha contínua, uma sequência prolongada de operações, sempre a se refazer, mais precisamente, uma tecnologia sempre em ação” (FOUCAULT, 2004, p. 14). Nessa comunidade, predomina a ênfase na autorregulação, na individualidade, no sujeito autorregulável. Os sujeitos na comunidade ‘Eu atleta’ acompanham as mudanças progressivas de suas performances, controlam seus processos vitais, a normalização e moldagem das condutas, no caso, as esportivas. Essa governamentalidade tem sido caracterizada como neoliberal, de acordo com Rose (1997), devido ao projeto que prioriza, entre outras coisas, as obrigações voluntariamente assumidas por indivíduos livres que podem tirar maior proveito de sua própria existência mediante a gestão responsável de sua vida. Nessa direção, o sujeito não é um objeto, mas é ativo, um indivíduo ativo.

Na comunidade existe uma ferramenta que permite buscar por cidade e bairro, a partir de um mapa, a rota de onde as pessoas estão concentradas, fazendo suas corridas e caminhadas, como se observa na imagem a seguir.

Figura 3 – Ferramenta de busca na comunidade



Fonte: <<http://globoesporte.globo.com/eu-atleta>>

Nesse ponto, podemos dizer que vivemos através de discursivizações das nossas vidas esportivas, instauradas por relações da tecnologia, em que se cria um vínculo do tipo “não estou sozinho nessa” e são provocados efeitos de laço. A possibilidade de poder dizer-se membro de um grupo/comunidade – ainda que de forma dispersa – permite ao sujeito um sentimento de pertença, uma “sensação de aconchego, de segurança” (BAUMAN, 2003, p. 9).

Consideramos que tal ferramenta possibilita evidenciar um sentido coletivo de agregar o sujeito a um grupo de caminhadores e/ou corredores<sup>4</sup>, e faz uma aproximação com o que Maffesoli chama de ética da estética, para indicar uma lógica coletiva que “repousa sobre o aconchego e a segurança de estar junto” (MAFFESOLI, 2005, p. 56). O autor fala dessa lógica coletiva, ressalta sentimento de partilha, a experiência vivida compartilhada, experimentada em comum, como fundamento que liga essencialmente os sujeitos, que os marcam identitariamente. Proporcionam um sentimento de pertencimento, no momento que uns mostram-se aos outros. É como se dissessem “Nós, enquanto praticantes atletas, não nos sentimos sozinhos; ao contrário, nos sentimos agregados à grande massa de praticantes ativos”. Uma das páginas tem inclusive relatos de histórias de vida dos novos e velhos atletas (as quais, em função do espaço, não trato neste artigo).

No contexto da argumentação, considero que a comunidade do site ‘Eu atleta’ avança como instrumento porque assume a condição de um ‘ser-em-comunidade’ (virtual e real) que

---

<sup>4</sup> É divulgado diariamente no site o calendário das corridas, rústicas e caminhadas das grandes capitais.

no seu coletivo-afetivo constitui um sentimento de unidade de representação na comunicação com o *site*. Existem várias ferramentas eletrônicas disponíveis que se associam, tais como *Facebook*, telefones celulares, *Messenger*, *Skype*, *chats*, *blogs*, entre outros. O sujeito quase sempre é incitado a responder perguntas do tipo “Como estão indo os treinos? Qual é a tua experiência? Conte pra gente? Queremos ouvir sua opinião”.

## LONGE DE CONCLUIR

Apresentei aqui algumas das ferramentas da comunidade eletrônica ‘Eu atleta’, na direção de destacá-la como um dispositivo produtivo de governamentalidade neoliberal. Penso que as tecnologias, inclusive na sua dimensão virtual, em especial *sites* como esse analisado, apresentam um ambiente educativo de governo de nossas condutas e que contribuem para uma ressignificação dos esportes e da condição de uma posição identitária. Esse *site* ajuda a conformar, produz posições identitárias, gera laços de inscrição do sujeito, captura o indivíduo e conforma um ‘eu atleta’, uma identidade que tenta ilusoriamente dizer ‘eu sou’ – um lugar é dado, mesmo que um lugar deslizante, tensional, produzido.

Para Foucault, a produção das identidades e a governamentalidade estão relacionadas entre si, produzindo os sujeitos. A governamentalidade age para “guiar, afetar a conduta dos sujeitos de maneira que eles se tornem de um certo tipo” (FOUCAULT, 2004, p. 28), no caso ‘eu *Homo sportivus*’. Essa arte de governar consiste em fornecer uma forma de governo para cada um e para todos, uma forma que individualiza e normaliza... ‘Eu sou atleta’.

Em uma época predominantemente mobilizada pelas tecnologias que apresentam uma configuração complexa, considero que este artigo contribui para colocar sob suspeição os discursos dessa comunidade digital - Eu sou atleta. As expectativas contemporâneas de educação dos corpos esportivos se ampliam, sua potência começa a ser discutida como um importante dispositivo produtivo educativo de governamentalidade que está apenas começando. Considero que as análises apresentadas sinalizam um campo produtivo para outras investigações que trabalhem o entrelaçamento da educação dos corpos esportivos no governo das sociedades contemporâneas.

Meu investimento analítico nesse *site* não se propõe como conclusivo e explicativo, longe de concluir. Ele busca, sim, a abertura à significação que a estética esportiva e as tecnologias contemporâneas de governo oportunizam, e este trabalho pretende ser uma contribuição ao debate.

## “I, ATHLETE” AS A DEVICE OF GOVERNMENTALITY AND SELF WRIT,ING

### ABSTRACT

*Homo sportivus – the athlete/sports practitioner – is an expression of identity that strengthened in XXI century, in which the ‘vitality policies’ started focusing on the optimization of ‘life itself’. In Brazil, the experience possibilities of sporting bodies were expanded. From the projects of digital media offered in Brazilian culture, we chose to analyze the website ‘I, Athlete’ (2012). We discuss how this community transforms the ways of being a sportsperson. From the resulting analysis, we have found in the expression that names the website an enunciator that allows him/her – illusorily – to say ‘I am’.*

*Keywords: Media experience; Sports experience; Governmentality.*

## “YO ATLETA” COMO DISPOSITIVO DE GOVERNAMENTALIDAD Y DE ESCRITURA DE SI

### RESUMEN

El Homo sportivus – el atleta/prácticante deportivo- es una expresión de identidad que se fortaleció en el siglo XXI, en que las “políticas de vitalidad” pasaron a apostar en la optimización de la “vida en si”. En Brasil, se ampliaron las posibilidades de experiencia de los cuerpos deportivos. De los proyectos de los medios de comunicación digitales ofrecidos en la cultura brasileña se eligió analizar el site “yo atleta” (2012). Se discute como esa comunidad transforma los modos de ser deportista. De los análisis que resultaron, se encuentra la expresión que da nombre al site un enunciador que permite que el/ella engañosamente –diga “yo soy”.

*Palabras-claves: experiencia en los medios de comunicación; experiencia deportiva; Governamentalidad.*

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A. (org.). *A saúde em debate na Educação Física*, v. 3. Ilhéus: Editora da UESC, 2007.

BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BENIN, J. O. *Outro lado do esporte*. Porto Alegre: Das Letras Editores, 1998.

DUARTE JÚNIOR, J. F. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba: Criar, 2004.

ECO, U. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FISCHER, R. M. B. *Televisão & educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2004.

GADELHA, S. *Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

- GUMBRECHT, H. U. *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- KHEL, M. R. *Corpo e escrita: relação entre memória e transmissão da experiência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- MAFFESOLI, M. *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e sociabilidade*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- ORTEGA, F. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- PIRES, G. *A educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.
- REDE GLOBO. Eu atleta. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/eu-atleta>>. Acesso em: 9 dez. 2012.
- ROSE, N. *The politics of life itself: biomedicine, power and subjectivity in the twentieth-first century*. Princeton: Princeton University Press, 2007.
- SCHWENGBER, M. S. V. O uso metodológico da imagem. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (org.). In: *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p.261-279
- SOARES, C. L. A educação do corpo e o trabalho das aparências: o predomínio do olhar. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio de (org.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 75-87.
- VEIGA-NETO, A. Coisas de governo... In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 4-20.